

O CASO DAS PETÚNIAS PISOTEADAS

Uma fantasia lírica

Tennessee Williams

Tradução: Antônia Futuro e Francisco Alejandro Ortega

Esta comédia é dedicada, com todo respeito, ao talento e graça da Srta. Helen Hayes-Key Wes, fevereiro de 1941.

Personagens:

Dorothy Simple

Policia

Rapaz

Sra. Dull

Cenário: A ação se desenrola em uma mercearia chamada "Simple Notion Shop", atendida pela sua proprietária, a Srta. Dorothy Simple, uma moça da Nova Inglaterra, de vinte e seis anos, solteira, que tem um físico bastante atraente, mas que escondeu sua casa e seu coração atrás de uma fila dupla de petúnias.

A cidade é Primanproper, Massachusetts, situada dentro da órbita cultural de Boston. Quando a cortina se abre são as primeiras horas da manhã. A Srta. Simple, muito agitada por algum motivo, acaba de abrir sua pequena loja. Está de pé junto a porta aberta, inundada pelos raios de sol da primavera, mas sua fisionomia expressa pesar e indignação. Está chamando a um agente de policia que está na esquina:

Dorothy: Policial? Policial?

Policia (*Andando em direção a ela.*): Pois não, senhorita Simple.

Dorothy: Quero denunciar um caso de sabotagem deliberado e malicioso.

Policia: Sabotagem do que, senhorita Simple?

Dorothy: De minhas petúnias!

Policia: Sei, sei. O que a senhorita quer dizer com isso?

Dorothy: Exatamente o que disse. Veja você mesmo. À noite esta casa estava rodeada por uma bela fila dupla de petúnias de cores rosadas e malva. Olhe agora! Esta manhã ao me levantar as encontrei neste estado. Uma por uma pisoteadas, deliberada e maliciosamente.

Policia: Nossa! Sei, sei.

Dorothy: Ao dizer "sei, sei" não vamos achar o culpado!

Policial: O que quer que eu faça, senhorita Simple?

Dorothy: Quero que detenha a um maníaco petunicida que calça o número quarenta e seis.

Policial: Quarenta e seis?

Dorothy: Sim, esse é o tamanho das pegadas que deixou nas minhas petúnias. Um sapateiro acabou de medi-las.

Policial: É um pé bastante grande, senhorita Simple, mas há muitos homens que tem pés grandes.

Dorothy: Não em Primanproper. O senhor Knowzit, na sapataria, me assegurou que não há um só homem em toda a cidade que calce esse número. Suponho que o senhor se dá conta do perigo que representa permitir que este maníaco ande solto! Na minha opinião, um homem que pisoteia uma petúnia é igualmente capaz de pegar a uma mulher indefesa ou de dar pontapés em uma criança inocente!

Policial: Farei o que puder, senhorita Simple. Até logo.

Dorothy (Secamente.): Sim. Até. *(Bate a porta. Volta para trás do balcão, batuca nervosa com as unhas, pitadas de rosa pálido. O canário pia timidamente. Depois ensaia um canto. Dorothy, ao canário.)* Oh, fique quieto! *(Depois, arrependida)* Me perdoe, por favor. Tenho os nervos á flor da pele. *(Assoa o nariz. A campainha da porta tilita ao entrar um cliente. É um Rapaz que parece exageradamente grande e de aspecto agressivo no cubículo da pequena loja, cujas paredes estão forradas por um papel florido)* Meu Deus, tenha cuidado, por favor! Você vai dar com a cabeça na lâmpada.

Rapaz (De bom humor.): Eu sento, senhorita Simple. Creio que é melhor que me sente. *(A frágil cadeira se quebra diante seu peso)*

Dorothy: O céu nos proteja! Você parece ter uma força destrutiva! Você acabou com a minha cadeirinha antiga!

Rapaz: Perdão, senhorita Simple.

Dorothy: Agradeço as suas desculpas, mas isso não consertará minha cadeira. Gostaria de ver alguma coisa?

Rapaz: Quero ver este par de meias cor de vinho que a senhorita tem na vitrine.

Dorothy: Que número você usa?

Rapaz: Nunca me recordo, mas em sapatos calço quarenta e seis.

Dorothy (Assombrada.): Que número disse? Quarenta? Quarenta e seis?

Rapaz: Sim, senhorita Simple, quarenta e seis.

Dorothy: Oh! Seus sapatos estão com bastante barro, não?

Rapaz: Sim, senhorita Simple, creio que sim.

Dorothy: Cheios de barro. Parece que a noite passada você pisoteou um tanto de flores recém regadas.

Rapaz: Pensando bem, é isso que disse.

Dorothy: Suponho que você não ouviu falar dessa horrível história das petúnias pisoteadas que ocorreu na noite passada.

Rapaz: Ouvi algo.

Dorothy: O policial da esquina a contou?

Rapaz: Não, senhorita; ele não.

Dorothy: Quem então? Ele é o único que sabe, exceto... Exceto... O homem que o fez! *(Pausa. O canário canta inquisivamente)* Você...Você... Você é o homem que o fez!

Rapaz: Sim, senhorita, sou eu.

Dorothy: Não trate de escapar!

Rapaz: Não penso em fazê-lo, senhorita Simple.

Dorothy: Não se mova de onde está até que venha a policia!

Rapaz: A senhorita vai chamar a policia?

Dorothy: Claro que vou chamar. Dentro de um minuto. Antes eu quero saber por que o fez. Por que pisoteou minhas petunias?

Rapaz: Muito bem. Eu direi. Primeiro, porque a senhorita havia cercado sua casa e seu coração atrás dessa absurda fila dupla de petúnias!

Dorothy: Cercado? Minha casa? Meu coração? Atrás delas? Isso é ridículo. Não entendo o que quer dizer.

Rapaz: Eu sei. Aparentemente são umas criaturas tão frágeis, tão delicadas, essas petúnias, mas tem umas resistência terrível.

Dorothy: Resistência frente a que, se me permite a pergunta?

Rapaz: Frente a toda coisa grande ou importante que possa chegar a sua casa. Nunca, nada que seja grande ou importante pode transpassar uma fila dupla de petúnias. Por isso vive sozinha com seu canário, e está começando a detestá-lo.

Dorothy: Detestar meu canário? Tenho um grande carinho por ele!

Rapaz: Secretamente, senhorita Simple, a senhora quer que se engasgue com o alpiste. O detesta tanto como, sem confessar, detestava as petúnias.

Dorothy: Por que iria eu, ou você, ou qualquer outra pessoa, detestar petúnias?

Rapaz: Nossa animalidade e a ação que dela resulta está perfeitamente explicada em um poema que compus uma vez sobre o tema das petúnias... E flores similares. Gostaria de conhecê-lo?

Dorothy: Suponho que sim, se vem ao caso.

Rapaz: Vem muito ao caso. Diz assim:

(Música suave.)

Com que severidade olham as petúnias
as coisas que não vem no livro,
pois estas encantadoras criaturas
jamais saem dos moldes acadêmicos.
Observam com olhar penetrante
os fenômenos que ocorrem junto a elas
e classificam como bom ou mal
desde a gigantesca baleia ao menor animal.
Contemplam com profundo desdém
tudo o que é masculino ou ordinário.
Enrijecem até suas tenras raízes
quando passam os homens com as botas de trabalho.
Toda linguagem sincera lhes choca
e se estremecem ao ouvir cantar o galo.
Dizem, isso sim, que a diversão boa e honesta
é permitida para todos,
mas pensam que até a cobra cega
é um jogo ruidoso e demasiado grosseiro e... *(Á parte)*

Não de todo inocente!
Como lhe parece?

Dorothy: Injusto! Totalmente injusto!

Rapaz (*Rindo.*) : Para as ordenadas petúnias?

Dorothy: Sim, e aliás creio que nada tenha direito de impor suas opiniões em forma de pegadas sobre as petúnias alheias.

Rapaz (*Tirando um pequeno pacote do bolso.*) : Estou disposto a oferecer uma reparação.

Dorothy: Com o que?

Rapaz: Com isso.

Dorothy: E o que é isso?

Rapaz: Sementes.

Dorothy: Sementes do que? De rebelião?

Rapaz: Não, de rosas silvestres.

Dorothy: Silvestres? Não poderia usá-las!

Rapaz: Por que não, senhorita Simple?

Dorothy: As flores são como seres humanos. Não se pode permitir que cresçam selvagens. É preciso...

Rapaz: Regimentá-las? Ah! Já vejo. A senhorita é uma fascista hortícola.

Dorothy (*Com um ruído entrecortado de indignação.*) : Devo chamar a polícia e falar dessas petúnias!

Rapaz: Por que não chama, então?

Dorothy: Unicamente porque você confessou honradamente.

Rapaz: Não é por isso, senhorita Simple.

Dorothy: Não?

Rapaz: A verdadeira razão é que a senhorita está fascinada.

Dorothy: Que estou fascinada? Essa é boa!

Rapaz: Sei que está, senhorita Simple. Por causa das suas defuntas e não choradas petúnias, está encantada, intrigada... Assustada!

Dorothy: Você é muito presunçoso!

Rapaz: Agora, se me permite queria lhe fazer uma pergunta.

Dorothy: Pode fazer. Mas posso não respondê-la.

Rapaz: Responda se puder. Mas provavelmente não poderá. A pergunta é essa: o que a senhorita pensa de tudo isso?

Dorothy: Não compreendo... O que é "tudo isso"?

Rapaz: O mundo, o universo e o lugar que a senhorita ocupa nele! O maravilhoso acidente de viver!(*Música de fundo suave.*) A senhorita já pensou alguma vez no número de mortos e até que ponto supera o dos vivos? Sua superioridade numérica é tão grande que não encontraria cifras altas o bastante nem baixas o bastante para representar essa proporção.

Dorothy: Parece como se você estivesse tratando de me vender algo.

Rapaz: Claro que sim. Espere e verá.

Dorothy: Eu não compro.

Rapaz: Por favor! Um minuto do seu tempo inestimável.

Dorothy: De acordo. Um minuto.

Rapaz: Olhe!

Dorothy: O que há para olhar?

Rapaz: Essas pequenas partículas de pó no raio de sol de abril que passa por essa janela.

Dorothy: O que tem?

Rapaz: Pense um pouco. Você poderia ter sido uma dessas partículas ao invés de ser quem é. Podia ter sido qualquer uma dessas infinitas partículas de matéria muda,

inconsciente. Incapaz de fazer, pensar, sentir nada absolutamente! Mas no lugar disso, minha querida amiga, em virtude do mais raro e mais improvável dos azares, resulta que você é o que é. A senhorita Dorothy Simple, de Boston! Bonita, humana, viva. Capaz de pensar, sentir e trabalhar! Aqui vem a parte fundamental da minha pergunta. O que vai fazer, senhorita Simple?

Dorothy (*Que está um tanto comovida, apesar de suas petúncias.*): Bendito Deus... Nos acuda! Pensei que você havia entrado aqui para comprar um par de meias!

Rapaz: Sim, mas antes tenho que lhe vender algo.

Dorothy: Vender-me o que?

Rapaz: Uma maravilhosa coleção de artigos.

Dorothy: Tenho que vê-los antes de assinar o pedido.

Rapaz: Isso é impossível. Não posso expor minhas amostras nesta loja.

Dorothy: Por que não?

Rapaz: São muito preciosas. Tem que me dar uma posição.

Dorothy (*Batendo em retirada.*) : Sinto muito, mas não falo de negócios fora daqui.

Rapaz: Pior para você. Bom, pior para os dois. Talvez mude de opinião?

Dorothy: Creio que não.

Rapaz: De todo modo, aqui está meu cartão.

Dorothy (*Lendo, desconcertada.*) : Vida, Sociedade Limitada. (*Levanta os olhos lentamente.*)

Rapaz: Sim. Represento essa editora.

Dorothy: Certo. Você é um vendedor de revistas?

Rapaz: Não, não se trata apenas de material impresso.

Dorothy: Mas é material, pelo menos?

Rapaz: Oh, sim! E de enorme importância, aliás. Mas as pessoas desconhecem. Por ignorância tem comprado sempre substitutos baratos. E ultimamente tem aparecido fora do país uma empresa rival, que se chama Morte, Sociedade Ilimitada. Seu

produto vem em um pacote com a etiqueta "guerra". Estão nos desmoralizando mediante novos métodos agressivos de promoção de vendas. E uma de suas principais armas é a excitação. Por que dá tão bons resultados? Porque vocês rodeiam suas casas e seus corações com fileiras de coisas chatas e triviais como são as petúnias! Se pudéssemos substituí-los por rosas silvestres não haveriam guerras! Por isso temos iniciado esta campanha anti-petúnias, senhorita Simple. Vida, Sociedade Limitada, chegou a conclusão de que temos que utilizar os mesmos métodos agressivos que utilizam Morte, Sociedade Ilimitada! Temos que demonstrar às pessoas que Vida, Sociedade Limitada, pode eliminar a perniciosa trivialidade de todas as petúnias do mundo de uma maneira mais limpa, permanente e total que Morte, Sociedade Ilimitada. O que diz agora, senhorita Simple? Não vai provar nosso produto?

Dorothy (*Nervosa.*): Bom, veja bem, na realidade... Eu faço todas as minhas compras em Boston.

Rapaz: O que a senhorita compra em Boston?

Dorothy: Veja você mesmo. Veja meus produtos.

Rapaz (*Examinando as estantes.*): Dedais, linhas, materiais femininos, luvas brancas...

Dorothy: Artigos de armarinho. Novidades. Enfeites.

Rapaz: Enfeites... Da existência?

Dorothy: Sim, exatamente isso?

Rapaz: O que a senhorita faz depois de fechar?

Dorothy: Despacho uma correspondência considerável.

Rapaz: Com quem?

Dorothy: Com motoristas de Boston.

Rapaz: Como termina as suas cartas?

Dorothy: "Atenciosamente", "Se cuide", "Me despeço atenciosamente"...

Rapaz: Mas nunca com carinho?

Dorothy: Com carinho? Para as casas de Boston?

Rapaz: Suponho que não. Creio que deveria ampliar sua correspondência. Lhe direi o que vamos fazer. Nos vemos esta noite na estrada de número setenta e sete.

Dorothy: Oh, não! Tenho que enviar minha correspondência.

Rapaz: Deixe para outro dia. Nos encontramos lá. Tomaremos umas cervejas no Starlight Cassino.

Dorothy (*Tentando escapar de todos os modos.*): Eu não bebo!

Rapaz: Então, coma. Queijo suíço com pão de centeio. Não importa. Depois a levarei para dar um passeio em um conversível.

Dorothy: Aonde?

Rapaz: Na colina dos Cipreses.

Dorothy: Mas lá é o cemitério.

Rapaz: Eu sei.

Dorothy: Por que lá?

Rapaz: Porque os mortos são os melhores conselheiros.

Dorothy: Sobre o que aconselham?

Rapaz: Sobre os problemas da vida.

Dorothy: E que conselhos dão?

Rapaz: Só uma palavra: Viver!

Dorothy: Viver?

Rapaz: Sim, viver, viver, viver! É tudo o que sabem, é a única palavra que resta no seu vocabulário!

Dorothy: Não vejo como...

Rapaz: Eu direi. A morte tem uma coisa boa a seu favor. É um esplêndido processo de simplificação. Libera o coração de toda a inseqüência. Por exemplo, se correr o dicionário inteiro com uma caneta implacavelmente, no final, a única coisa que resta é uma página. E nessa página uma só palavra!

Dorothy: A palavra que se ouve pelas noites na colina dos Ciprestes?

Rapaz: A palavra que se ouve pelas noites na colina dos Ciprestes.

Dorothy: Ohhh. Oh, oh!

Rapaz: Mas nada se ouve até que conheça a mim. Eu tenho um dispositivo secreto patenteado que a faz audível. Uma coisa que nunca fabricou Du Pont. Mas que é um invento maravilhoso. Absolutamente leve e transparente. Se ajusta no interior do ouvido. Seus amigos nunca saberão que o leva com você. Mas eu garanto: ouvirá essa palavra, que ecoa quase como o doce sussurro das folhas ao mover-se!

Dorothy: Das folhas?

Rapaz: Sim, das folhas de sauces ou de cipreses, ou do mato quando sopra o vento! E depois não será a mesma, senhorita Simple. Não, haverá mudado para sempre!

Dorothy: Em que sentido?

Rapaz: Viverá, viverá, viverá! E não atrás de umas petúnias. O que diz senhorita Simple? Dorothy? Ficamos combinados? Esta noite às oito e meia na estrada número setenta e sete?

Dorothy: Em que ponto da estrada número setenta e sete?

Rapaz: Junto a ameixeira silvestre. No lugar em que o grande muro de pedra está quebrado. Onde as raízes quebraram as rochas, desmorodando-as.

Dorothy: Parece muito longe...Parece...Um lugar sem civilização.

Rapaz: É incivilizado, mas não é longe.

Dorothy: Como posso chegar lá? Com que meio de transporte?

Rapaz: Peça a bicicleta ao seu irmão mais novo.

Dorothy: Esta noite é a reunião dos escoteiros. Ele não me emprestará.

Rapaz: Pois vá andando, não lhe fará mal nenhum.

Dorothy: Como você sabe? E se fizer? Eu sou de Boston.

Rapaz: Ouça-me. Boston é uma atitude mental da qual deve se livrar.

Dorothy: Não sem um tratamento de choque com insulina.

Rapaz: Basta de evasivas! Virá ou não?

Dorothy: Tenho tanto o que fazer. Tenho que devolver uns livros na biblioteca pública.

Rapaz: Pela última vez, virá ou não?

Dorothy: Não posso dar uma resposta concreta. Eu sou de Boston!

Rapaz: Uma referência a mais a Boston pode ser fatal! Bom, senhorita Simple, não posso esperar infinitamente!

Dorothy: Creio que, talvez.

Rapaz: Crê que, talvez?

Dorothy: Quero dizer que creio que irei.

Rapaz: Crê que irá?

Dorothy: Quero dizer que irei. Irei!

Rapaz: Assim está melhor. Até logo, Dorothy. (*Sorri e sai fechando a porta.*)

Dorothy: Até. (*Permanece com o olhar perdido por uns momentos. Entra Sra. Dull*)

Sra. Dull (*Bruscamente*) : Senhorita Simple!

Dorothy: Oh, perdoe-me! Que deseja?

Sra. Dull: Quero um par de meias cor de vinho para o meu marido.

Dorothy: Sinto muito, mas o único par que tenho está reservado.

Sra. Dull: Reservado para quem, senhorita Simple?

Dorothy: Para um cavalheiro que representa a esta empresa. (*Dando-lhe o cartão*)

Sra. Dull: Vida, Sociedade Limitada? Hum! Nunca ouvi falar.

Dorothy: Eu tampouco, até agora. E amanhã a loja estará fechada para reformas.

Sra. Dull: Que tipo de reformas, senhorita Simple?

Dorothy: Vou derrubar as quatro paredes.

Sra. Dull: Derrubar o que? Incrível!

Dorothy: Sim, a fim de obter espaço para novas mercadorias. Coisas que nunca tiveram até agora.

Sra. Dull: Que tipo de coisas? Coisas engarrafadas, senhorita Simple, ou em caixas?

Dorothy: Nem um nem outro, senhora Dull.

Sra. Dull: Mas tudo vem em garrafas ou em caixas.

Dorothy: Tudo, salvo o que fabrica Vida, Sociedade Limitada.

Sra. Dull: Como vem, então?

Dorothy: Ainda não tenho certeza, mas suspeito que é algo que não está fechado, algo livre, natural e aberto como o céu... Também vou trocar o nome da loja. Já não vai se chamar "Simple Notions" e sim "Tremendous Inspirations"!

Sra. Dull: Santo céu! Sendo assim pode estar segura que deixarei de ser sua cliente.

Dorothy: Já imaginava.

Sra. Dull: E não acha ruim?

Dorothy: Nem um pouco. Creio que suas moedas me produziram uma ligeira erupção. Além disso, você faz barulho com o nariz. A senhora deveria assoá-lo. Ou melhor ainda, a senhora deveria cortá-lo fora. Muitas vezes me perguntei como seu nariz abre espaço entre as pessoas. *(A Sra. Dull emite sons entrecortados, olha com desespero ao seu redor e sai apressadamente)* Esqueceu sua mercadoria, Sra. Dull! *(As joga pela porta. Se ouve num golpe e um grito agudo. Cresce a música.)*
Policia! Policia!

Policia!: Disse algo sobre o número quarenta e seis, senhorita Simple?

Dorothy: Esqueça disso, já está tudo resolvido.

Policia!: Pelas boas? Quer dizer amigavelmente?

Dorothy: Pelas boas e amigavelmente. O sabotador reparou todos os danos causados e eu retiro a minha denúncia. Agora quero que me diga como se chega a estrada número sententa e sete.

Policial: A estrada número sententa e sete? Essa estrada está abandonada.

Dorothy: Não por mim. Onde fica?

Policial: Está em péssimas condições.

Dorothy: Não me importa. Onde fica?

Policial: Dizem que a chuva desuniu as pedras. O vento também a agrediu. À noite, a lua faz umas sombras tão desconcertantes que as pessoas se perdem, vão a lugares perigosos, fazem coisas escandalosas.

Dorothy: Como, por exemplo?

Policial: Oh, acrobacias sem sentido, dão voltas no ar, cantam canções desconhecidas, destilam em vinho os vapores da meia-noite... Fazem danças pagãs.

Dorothy: Maravilhoso! Como se chega lá?

Policial: Advirto-lhe, senhorita Simple, que uma vez que vá lá, não poderá voltar a Primanproper!

Dorothy: Quem pensa em voltar aqui? Nunca houve ninguém tão disposto a ir embora como estou hoje. A única coisa que quero saber é onde fica, a norte, a sul, a leste ou a oeste da cidade?

Policial: É precisamente isso, senhorita. Nas quatro direções.

Dorothy: Então, não creio que possa me perder.

Policial: É difícil que se perca, se que encontrá-la. Não deseja nada mais?

Dorothy: Não, senhor, isso é tudo. Obrigada. (*Cresce a música. Dorothy diz suavemente.*) Adeus para sempre!

Fim.

